

Discussão do recesso opõe Sarney a governo

Dida Sampaio/AE—5/6/95

Para assessores, "mágoa política" é razão da recusa em convocar Congresso em julho

HELENA CHAGAS

BRASÍLIA — A discussão entre o Executivo e o Legislativo em torno do recesso parlamentar provocou um curto-círcito nas relações entre o Palácio do Planalto e o presidente do Congresso, senador José Sarney (PMDB-AP). Ontem, antes da conversa do presidente Fernando Henrique Cardoso com Sarney e o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), assessores do Planalto atribuíam a uma "mágoa política" a resistência de Sarney em convocar o Congresso para votar as emendas constitucionais durante o recesso.

"Sarney não está sendo prestigiado pelo governo como deveria", disse um interlocutor frequente de Fernando Henrique e do ex-presidente. Ele lembrou que Sarney tem sido pouco consultado pelo governo. Além disso, segundo parlamentares, mesmo Sarney não tendo pedido cargos federais a Fernando Henrique, seus aliados estão aborrecidos com a demora nas nomeações na Eletronorte e na Sudam.

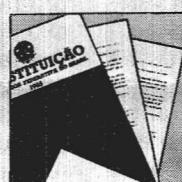
"Sarney nunca pediu nada, mas o atendimento da bancada é, indiretamente, uma forma de prestigiá-lo", disse ontem o senador Gilvan Rocha (PMDB-AP). "E Sarney tem sido um grande colaborador do governo", completou Rocha. Outro aliado do presidente do Congresso, o líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), ficou insatisfeito porque o governador do Pará, Almir Gabriel (PSDB), tomou a dianteira na indicação para a Sudam.

Os líderes governistas ficaram espantados com a firmeza e a insistência de Sarney, que chegou a invocar a soberania do Poder Legislativo na defesa do recesso. Mas seus aliados garantem que a defesa dessa posição atende ao desejo de 90% dos senadores. Sem férias há anos, eles querem o recesso e não acham que haja urgência na questão das emendas.

"Sarney não deve nada ao Palácio do Planalto", afirmou outro



Sarney: insistência em manter posição espanta líderes governistas



CUSTO POLÍTICO É O MAIOR TEMOR

senador do grupo Sarney, Gilberto Miranda (PMDB-AM). "Estão querendo intrigar o presidente do Congresso." Segundo Miranda, a resistência em convocar o Congresso ou em encurtar prazos de tramitação das emendas constitucionais não é nenhuma represália contra o governo. "Na verdade, estamos todos

cansados e não vemos motivo para aprovar correndo emendas tão importantes", disse.

No início da noite, o presidente Fernando Henrique se reuniu com os presidentes do Senado, José Sarney (PMDB-AP), e da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA) para definir se haverá convocação extraordinária do Congresso em julho. Ciente de que Sarney e Luís Eduardo são contrários à convocação, Fernando Henrique dava ontem sinais de que deixaria ao Congresso a decisão de trabalhar ou não em julho. Na avaliação de líderes dos partidos aliados, a tendência é de que haja o recesso, pois ninguém dá moscas de querer assumir o ônus político da convocação extraordinária e ser responsabilizado pelo custo extra de R\$ 10 milhões.